

“Artemis Afterwards” follows the same pattern of the other books of the series, however Budin’s approach to cinema, and specially the connection between antiquity and a blockbuster such as *The Hunger Games*, is a refreshing view compared to the previous editions. Although the modern literature reception that the other authors usually address in this chapter is particularly interesting, the books in this collection generally do not make references to the reception of classical topics in recent cinematic productions or recent literature. The importance of this kind of study is increasing inside academia, as it can be perceived by the three panels on classical reception in the last Classical Association Conference in Edinburgh, one concerning sci-fi literature, another devoted to cinema and a round table session on crime fiction and ancient Rome. It is a valid path to show how the ancient world is very much alive today, and a sensible option to approach new generations of students and a more general audience. Budin’s use of current language, fresh approach and careful presentation of the sources (providing fifteen images) perfectly fits the series’ aim, but simultaneously is a great piece of scholarship on a topic that lacked a reference book.

**José Malheiro Magalhães**

*Universidade de Lisboa, Centro de História*

**RUBY BLONDELL** (2015), *Helen of Troy: Beauty, Myth, Devastation*. Oxford, Oxford University Press, 312 pp. ISBN 978-0-190-26353-9 (£20.99).

A obra de R. Blondell pretende estudar sobretudo a imagem de Helena na história da Cultura Grega, mas não somente. Este livro foca-se também em todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estiveram presentes na Guerra de Tróia e na vida de Helena, e.g., Menelau, Páris, Heitor e Penélope. Para isso, a autora divide a obra em treze capítulos, focando-se não apenas em obras gerais, mas também em fontes específicas sobre o assunto, como a *Odisseia* e a *Ilíada*, havendo ainda referências a Hesíodo, Górgias, Heródoto, Eurípides e Isócrates. No décimo terceiro capítulo, Blondell faz referência a algumas obras contemporâneas sobre Helena, nomeadamente na arte, na literatura e no cinema.

Nos primeiros três capítulos do livro, contudo, a autora foca-se no mito de Helena, apresentando-a, segundo uma das tradições, como filha de Zeus e de Leda e, segundo outra das tradições, como filha de Némesis. É de salientar que em ambas as tradições o pai de Helena é sempre Zeus. Nestes capítulos, Blondell compara Helena a Pandora e a Afrodite, especialmente no que respeita à questão da beleza fatal, termo aliás usado pela própria autora. Esta é também uma das questões centrais que esta especialista pretende transmitir, comparando Helena a essas outras duas personagens

da mitologia grega. Helena e Pandora encontram-se interligadas, segundo Blondell, pois foram criadas por Zeus como castigo para homens. No caso de Helena, um castigo para Menelau e para todos os Troianos; no caso de Pandora, para Prometeu e Epimeteu. Assim como Pandora abre a jarra (segundo Blondell, a jarra possui a forma do corpo feminino) e dela liberta tudo o que é mau, Helena desencadeia a pior guerra de todos os tempos. No que respeita às representações de Helena e de Afrodite, a figura alada de Eros funciona como elo de ligação entre ambas, mostrando o lado sensual e sexual das duas personagens e o seu poder sobre o sexo masculino.

Nos quarto e quintos capítulos, Blondell foca-se na análise das fontes e na forma como estas apresentam as personagens já referidas. Segundo a autora, a *Ilíada* terá supostamente sido escrita para exaltar a posição masculina na cultura grega; contudo, ao ler o poema, ele mostra o contrário. Com efeito, há muito mais referências ao feminino do que ao masculino. É de realçar que os cantos mais significativos da *Ilíada* a focarem a personagem de Helena são o III, no qual lemos sobre o encontro com Afrodite; o canto VI, com Páris e Heitor no centro da composição da personagem; e o canto XXIV, de que se destaca o funeral de Heitor. Parece-nos ainda importante realçar a comparação que Blondell faz no capítulo IV do seu livro entre Helena e Aquiles, reforçando que, segundo Homero, a beleza é algo que se origina no divino. Blondell nota ainda que, segundo o Poeta, ambas as personagens estão protegidas por deuses: no caso de Helena, Afrodite; no caso de Aquiles, Apolo.

Relativamente à *Odisseia*, Blondell salienta que Helena é o oposto de Penélope, que ao longo do poema aguarda pelo regresso do marido, Ulisses. Já Helena é a causa da ruína do seu casamento com Menelau. Contudo, não deixa de ser paradoxal que seja na *Odisseia* que encontramos referência ao “casamento perfeito” de Helena e Menelau (canto IV). Aliás, a *Odisseia* insiste mais na questão do casamento, nomeadamente aquando da chegada de Telémaco a Esparta, o qual acaba por assistir a dois casamentos, um deles entre o filho de Aquiles e Hermíone, filha de Helena e de Menelau, e o outro entre um dos filhos de Menelau e uma espartana local.

A partir do VI capítulo, a autora apresenta Helena segundo os restantes poetas e as restantes fontes. Blondell analisa a poesia de Alceu, autor que afirma que o causador da Guerra de Tróia fora Zeus, pois teria criado Helena, e porque permitiu o casamento de Tétis com um mortal. Mas Blondell refere-se também a Safo, poetisa que afirma ser a beleza a causadora da Guerra de Tróia e Zeus o criador do maior dos males. No capítulo VII, vemos estudada a imagem de Helena a partir da *Oresteia*. Nesta obra, encontramos não só a imagem de Helena, como também a de sua irmã Clitemnestra.

A partir deste capítulo, conseguimos perceber a importância da tragédia grega também para o estudo esta personagem. É também nesta parte que se integram nomes como o de Heródoto, que refere o poder divino da beleza

e como esta se relaciona com a Guerra de Tróia. Evoca-se igualmente Eurípides, para quem Helena não fora a causadora da guerra troiana, visto ter sido raptada pelos deuses e levada para o Egipto. Esta questão é também abordada no capítulo XI. No capítulo IX, analisa-se a obra de Górgias e a forma como o sofista apresenta a sua defesa de Helena, ao afirmar que seria Eros, no sentido do desejo sexual, a estar na origem da Guerra. Teria sido Eros a levar as personagens a agir da forma como agiram. Tanto Eurípides como Górgias se focam na beleza de Helena como sendo algo positivo e não negativo, e Blondell mostra-o de forma eficaz.

No último capítulo, Blondell retoma a ideia de Isócrates, segundo a qual Helena estaria já condenada para o resto da sua vida desde o seu nascimento, e essa condenação acabou por se manifestar não só nas artes plásticas, mas também na literatura e na música. Blondell afirma que são muitas as obras que referem a beleza de Helena, como por exemplo, um dos poemas de Óscar Wilde, escrito em 1881. No mesmo contexto, Blondell considera o mito de Helena como tendo reencarnado no cinema através de figuras como Brigitte Bardot e Elizabeth Taylor. Parece-nos que é neste capítulo que conseguimos perceber qual a ideia fundamental da autora nesta obra. Apesar de ter sido ou não a causadora da Guerra de Tróia, Helena é uma das personagens que mais marca a história da cultura grega, tendo sido por seu intermédio que se realizaram algumas das maiores obras de arte, da literatura ao cinema. Com efeito, muitos foram os que quiseram explorar esta personagem, dada a sua ambiguidade e, em certo sentido, obscuridade. Não deixa de estar no imaginário ocidental a ideia de que teria sido ela a causadora de uma guerra que teria durado mais de dez anos.

Para concluir, queremos apenas reforçar aquela que nos parece ser a ideia central de Blondell: acusada de um dos maiores “acontecimentos” da história da cultura grega, Helena é também uma das personagens mais retratadas da cultura ocidental, talvez pelo seu carácter ambíguo, talvez por ser filha de um deus, talvez por ter causado tantos males aos mortais.

Esta parece-nos ser uma das obras mais significativas para o estudo desta personagem. Nela, sintetizam-se todas as problemáticas em seu redor.

**Patrícia Felizardo**  
*Universidade de Lisboa*

**EMMA STAFFORD** (2012), *Herakles*. (Gods and Heroes of the Ancient World), London/New York, Routledge, xxvi+312 pp. ISBN 978-0-415-30068-1 (£23.99).

Emma Stafford's book is an impressive work. To be able to produce such a comprehensive view of Heracles, with such depth in an average-sized